

Gen. JOÃO PEREIRA

Ex. Presidente da Academia de Letras do Rio Grande do Sul

O GUIA LOPES

SEPARATA DA "REVISTA MILITAR BRASILEIRA",
JULHO A DEZEMBRO DE 1952



S. G. M. G.
IMPrensa MILITAR
RIO DE JANEIRO — 1952

2
864p

10,00

Gen. JOÃO PEREIRA

Ex. Presidente da Academia de Letras do Rio Grande do Sul

O GUIA LOPES

SEPARATA DA "REVISTA MILITAR BRASILEIRA",
JULHO A DEZEMBRO DE 1952



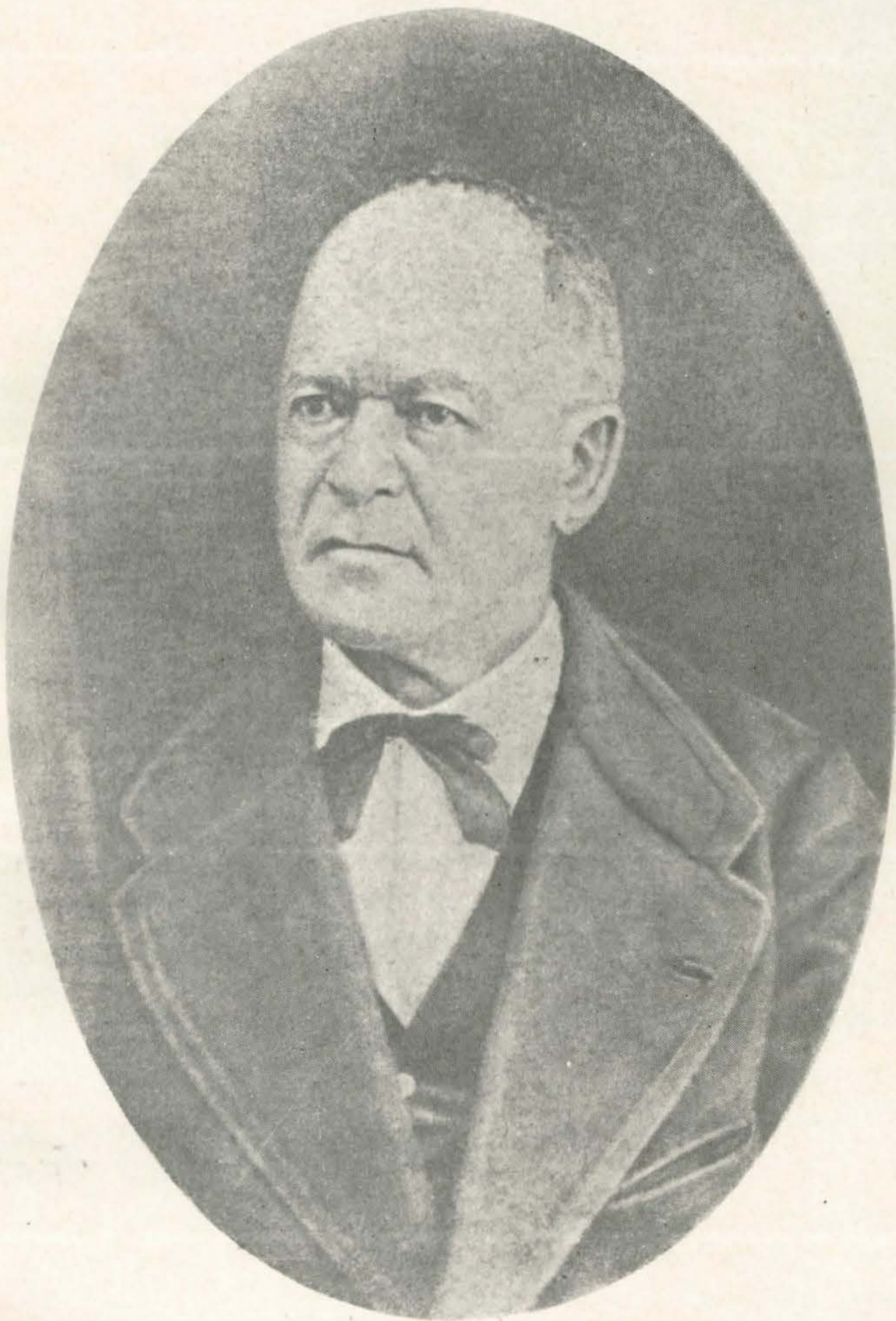
EME — 5.ª Seção	
Clas.	2.1 2.1
Per.	GUIA LOPES 1864/1870
Aut.	João Pereira
Vol.	Único
N.º T	778
Val.	10,00

928641P
28641P
g2

S. G. M. G.
IMPrensa MILITAR
RIO DE JANEIRO — 1952

Biblioteca do EME
N.º 2410
Data 10/03/72

CDocEx - Biblioteca	
DOAÇÃO	B. EX
17-03-75	
000627	



José Francisco Lopes, cognominado "O Guia Lopes",
numa fotografia tirada um ano antes de deflagar a guerra

EM BRANCO

O Guia Lopes

ENTRE as figuras que mais se singularizaram no largo período de inenarráveis provações por que passaram as nossas minguidas e desaparelhadas fôrças, na longínqua província de Mato Grosso, ao tempo em que por lá andaram, quais feros hunos, talando campos e ladroando gado, as hordas flagiciosas de Solano Lopez, creio que nenhuma faz mais jus à simpatia, ao respeito e à admiração dos compatriotas do que a do guia José Francisco Lopes. O velho guia Lopes foi exemplo vivo de constância, de lealdade e de desinterêsse, que talvez não encontre símile na história dos outros povos.

Nascido na vila de Pium-í, em Minas Gerais, ali passou Lopes a sua trabalhosa infância. Assim, porém, que se fêz moço, deixou a terra de seu bêrço, rumo a oeste, em demanda de Mato Grosso, o feracíssimo trato de território brasileiro, que havia de ser, mais tarde, teatro de seus grandes e celebrados feitos.

Durante muito tempo, não se fixou Lopes em ponto algum daquela região vastíssima. Dando largas ao seu pendor ingênito pela vida nômade, perlongou e vadeou rios, transpôs montanhas, devassou florestas, pôs nome a lugares até aí virgens de pé humano. Só depois de casado, ao que parece, é que assentou de abandonar um pouco a sua vida errática.

Residiu, então, no Paraguai, por espaço de um setênio, e, depois, veio habitar à margem do Miranda, em uma estância sua, a que dera o nome de *Jardim*.

Nessa propriedade, segundo a história, é que costumava dar agasalho aos que o acaso ou os negócios fizessem transitar por aquêles recantos do Brasil, tendo para o secundar, em suas solitudes de hospedeiro generoso, sua dedicada esposa, D. Senhorinha, cuja bondade era, também, proverbial naquelas bandas.

D. Senhorinha fôra casada, em primeiras núpcias, com um irmão do nosso guia, de nome José Gabriel Lopes, falecido em 1849. Dela, contam que, quando viúva, fôra prêsa e levada, com os filhos, por uma caterva de paraguaios, só sendo liberta em 1850, e, assim mesmo, mercê de reclamação apresentada pela legação brasileira em Assunção.

Era, pois, em *Jardim* que residia Lopes, com a família, quando irromperam os paraguaios em território brasileiro.

Tanto que soube da invasão, tratou Lopes de se escapar, com os seus. Foi êle, porém, o único que o alcançou. Tôda a família caiu prisioneira do adversário, que a conduziu, como os antigos bárbaros os troféus do saque, para o povoado paraguaio de Horcheta, distante sete léguas de Concepción.

Desde aquêlê dia, nunca mais voltara ao coração do velho lutador das matas a doce paz dos despreocupados. A tôda hora, parecia-lhe que aquêles para quem eram todos os seus carinhos, clamavam de longe, desesperadamente, cheios de dor e de saudade, para que êle, o patriarca, lhes fôsse distender, por sôbre a cabeça, repleta de pensamentos mestos, o pálio da liberdade.

Dois anos, porém, já se tinham escoado nessa provação de máguas infinitas, sem que o bravo sertanejo, cuja alma era um relicário de sentimentos nobres, pudesse ir arrancar às garras impiedosas dos inimigos de sua Pátria, no lugar de reclusão, aquêles entes a que tanto amava, senão quando, aos 24 de janeiro de 1867, chegaram a Nioac, sob o comando do coronel Carlos de Moraes Camisão, as fôrças expedicionárias que deviam expulsar o inimigo, e invadir, pela fronteira setentrional, o Paraguai. Não teve dúvidas: ofereceu-se para as acompanhar, como guia.

Aos 25 de fevereiro, as nossas fôrças abalaram de Nioac, e, em 4 de março, ocuparam a colônia de Miranda.

Ali, na colônia, é que se deu, em 11 de abril, o tocante episódio, consagrado pela história daqueles dias, do encontro do velho Lopes com o filho, que, em companhia de outros compatriícios nossos, havia fugido do cativeiro, e, na véspera, se apresentara ao coronel Camisão.

A grata nova dessa apresentação do filho, recebeu-a Lopes, justamente, quando atravessava os postos avançados, de volta de um reconhecimento em que tomara parte, com o 17º batalhão de voluntários, não muito longe da colônia. A comoção que experimentou foi imensa, foi indescritível. Quando se aproximou do filho, estava extremamente pálido e dos seus olhos borbulhavam lágrimas. O filho já o esperava, respeitosamente, descoberto. Lopes não descavalgou: do alto mesmo da montada, estendeu-lhe a mão, trememente, que o filho beijou com extraordinário afeto. Depois, continuou o seu caminho, sem abrir a boca, silenciosamente, mais do que nunca esmagado pela lembrança dos restantes membros da família ausente, ontem ditosos, e, então, escravos de um adversário mau, em um país infelicitado pelos desmandos neronianos de um megalómano.

No dia 21 de abril, as nossas forças transpuseram o Apa, em frente à Bela Vista, e entraram em território inimigo. Lopes, montando bonito cavalo baio, estava cheio de satisfação. Só se lhe ensombrou a fisionomia, quando viu que, de Bela Vista, se erguia tênue fumo, sinal seguro de que os paraguaios lhe haviam pôsto fogo.

Pouco, porém, durou a tristeza do velho sertanejo. Mal percebeu que, quase na totalidade, os paraguaios que ocupavam Bela Vista dali se retiravam, desordenadamente, entrou Lopes a provocá-los com assobios e com apóstrofes de desprezo, que despertaram o riso em todos os presentes.

No dia 30 de abril, as forças expedicionárias partiram de Bela Vista, e acamparam às margens do Apa-mí, dali a uma légua; e, em 1 de maio, chegaram a Laguna, fazenda pertencente ao ditador paraguaio e destinada à criação de gado.

Infelizmente, já o inimigo a havia reduzido a cinzas, ficando, assim, desfeita a miragem de que ali encontrariam os nossos com que, ao menos, minorar a fome, e com a agravante de estar a expedição num terreno ignorado e áspero, além de cercada por um inimigo, do mesmo passo, solerte e audacioso.

A conselho do guia, avançaram, ainda, as nossas forças, mais meia légua, até à invernada da Laguna; mas debalde

o fizeram, em virtude de haver o inimigo levado consigo cavalhada e gado.

Vendo frustrados todos os planos, que imaginara, para esmagar o adversário desleal, e tendo em conta a impossibilidade em que se via de prover a expedição de víveres e de munições, resolveu o coronel Camisão voltar à fronteira, com o fim de reorganizar as fôrças.

Ia, pois, ter início a retirada.

Ao amanhecer do dia 8 de maio, conta o visconde de Taunay, em seu famoso livro *A Retirada da Laguna*, “estávamos já em ordem de marcha, mulas carregadas, bois de carro nas cangas, e o gado que restava apoiado ao flanco dos batalhões, de modo a acompanhar todos os movimentos da coluna. Às 7 horas da manhã, o corpo de caçadores, que estava na vanguarda, rompeu a marcha, indo atrás dêle as bagagens e as carretas que deram bastante trabalho na passagem de um riacho que as chuvas dos dias antecedentes tinham avolumado”.

Pois nesse momento, precisamente, é que a obra mirífica do velho guia Lopes começou a fazer-se ainda maior, ainda mais extraordinária, ainda mais divina, se assim me é lícito dizer.

No dia 8, as nossas fôrças não puderam percorrer mais de duas léguas e meia. Não o permitiu o fogo contínuo e cansativo, muito embora pouco mortífero, do adversário.

Aos primeiros albores da manhã de 9, após uma noite cheia de indizíveis inquietações, as fôrças expedicionárias continuaram a marcha, e, ainda nessa manhã, se estabeleceram em um cêrro, o último, que dominava à Bela Vista e ao Apa.

Estavam elas, por conseguinte, a pique de deixar o Paraguai. O pesar, por isso, era geral. O velho Lopes, sobretudo, trazia bem impressa na fronte veneranda a dôr profunda que lhe ia na alma. Para êle, nada justificava o abandono do território inimigo. Ao revés, o que a todos impedia como dever sagrado de patriotismo e de humanidade, ainda que lhes custasse a vida, era novo avanço por êle a dentro. Se, com a falta de recursos para a alimentação da tropa, é que

se pretendia justificar a volta ao território nacional, bem frágil era a justificativa, pois fácil lhe seria, ainda, ir buscá-los em sua estância. Pouco se lhe dava de sacrificar o que ainda tinha de seu, contanto que se não abandonasse o território paraguaio.

De nada, porém, valeram, nem podiam valer, as ponderações do velho guia. Acima de suas ilusões, estava a realidade ilacrimável : era preciso voltar a Mato Grosso.

Assim, no dia 11 de maio, pela manhã, as nossas fôrças transpuseram novamente o Apa, e continuaram a retirada.

Quando foi por volta do meio-dia, os paraguaios desencadearam o maior e mais violento ataque que a expedição sofreu. A êsse ataque, resistiram os nossos com galhardia, e saíram vitoriosos ; mas, por infelicidade, perderam o gado.

Que seria da expedição, sem víveres ? Só um homem poderia encontrar, na sua grande experiência, solução para aquela situação tristíssima : era o velho Lopes. O nosso guia, que, no combate, era de intrepidez sem igual, e até terrível, mostrava-se sempre, na hora calma das deliberações, mais que qualquer outro, o homem dos bons conselhos. Para êle, pois, é que apelou o comandante da expedição.

Não ficou, aliás, sòmente nesse, o serviço de Lopes, no dia 11. Lopes era a alma das fôrças expedicionárias, naquele doloroso transe.

Quando o coronel Camisão se determinou a mudar de itinerário, em razão do conhecimento que tinha o inimigo do que era seguido pelas fôrças expedicionárias, pois era o mesmo pelo qual avançaram sôbre o Paraguai, ainda na sagacidade e na boa vontade do velho guia é que êle foi achar solução razoável para a conjuntura.

As 13 horas, continuavam as nossas fôrças a retirada, senão quando, sem que ninguém o esperasse, os paraguaios abriram, contra elas, de colina próxima, fuzilaria intensa. Mas Lopes, que se achava sempre na vanguarda, mais uma vez salvou a situação : sem que lhe fôsse dada ordem, e valendo-se do conhecimento que tinha do terreno, abandonou,

inesperadamente, a estrada seguida, infletiu para a esquerda, e, contramarchando, súbitamente, por êsse lado, levou as nossas fôrças ao pé de um morro, onde, se preciso, se poderia localizar uma bateria. Estabeleceu-se, por essa forma, certa desorientação entre os paraguaaios, da qual se aproveitaram as nossas fôrças, para a prossecução da marcha, por dentro do macegal.

De repente, percebeu Lopes que os paraguaios haviam pôsto fogo a êste. Que fêz, então, para os lograr? Caminhou direito para Miranda, e, depois, descambou para a sua estância.

Ao romper da manhã do dia 12 de maio, as nossas fôrças levantaram acampamento, e, ainda, nesse dia, graças ao velho Lopes é que os paraguaaios não lhes puderam ganhar a dianteira, para lhes perturbar a marcha.

Ao entardecer — um triste entardecer de retirada — mal se instalaram as fôrças expedicionárias sôbre um pequeno cêrro, começaram fortes lufadas de vento sul a trazer-lhes o calor do fogo que lhes vinha ao encalço, pelo campo.

O velho Lopes não perdeu tempo: ordenou que o pessoal, de que podia dispor, cortasse, a tôda a pressa, a macega que circundava o local do estacionamento, e que, uma vez cortada, fôsse imediatamente conduzida para longe, coberta de terra e, depois, calcada. E não ordenou apenas: deu ordens e executou, também. A sua atuação foi, sobretudo, de valor inapreciável, quando o incêndio se aproximou, em crepitações diabólicas. Por tôda a parte, estava êle, então, grande, sublime, incomparável, estimulando os outros, e lutando como leão indômito por apagar aquêle mar de chamas, com que o inimigo, desumano e astuto, procurava aniquilar, de vez, aquêles homens sofridos e destemerosos, que uma agressão insólita à honra de nossa Pátria havia levado àquelas regiões impérvias.

Ai de nossas fôrças se não fôra êle, naquela hora amarga, em que a fumarada e as labaredas daquele incêndio imenso ameaçavam queimá-las e asfixiá-las! Ai delas se não fôra

aquêlê sertanejo resignado e impávido, naquele instante de angústias e de sofrimentos, em que as enormes línguas de fogo, lançadas aos ares por aquêlê pavoroso incêndio, faziam lembrar o inferno em que Dante Alighieri mergulhava os réprobos ! Naquele dia, o velho Lopes foi bem maior que muitos dos heróis que Homero, em seus poemas épicos, celebrou em estrofes harmoniosas e imperecíveis.

Ao alvorecer do dia 14 de maio, após uma noite de desassossêgo, passada em claro, debaixo de aguaceiros desapoderados, as fôrças expedicionárias, sempre guiadas pelo velho e abnegado Lopes, reencetaram a marcha por densa mata a dentro, isso para evitar a passagem por um desfiladeiro que já se achava ocupado pelos paraguaios.

No dia seguinte, viram-se, novamente, as nossas fôrças cercadas de enormes chamas terrificadoras. Mas o estóico Lopes não perdeu a calma : mandou que se encostasse, imediatamente, a coluna, a dois capões, que por ali havia, a fim de a resguardar das labaredas laterais, e, a seguir, fêz que se cortasse a macega, numa extensão ainda maior que da primeira vez.

Assim que passou o perigo, a coluna continuou a marcha.

À frente dela, estava Lopes. Via-se, porém, que estava dominado de grande tristeza e de indisfarçável inquietação. Tinha perdido o rumo.

Felizmente, no dia 16, retornara ao caminho certo, não obstante achar-se, ainda, algum tanto desorientado.

Quem já não podia recalcar a sua grande contrariedade com os atrasos provenientes da incerteza do caminho, era o comandante das fôrças expedicionárias. Tanto assim que, no dia 17, exproboou duramente o nosso velho guia. E se maior, ainda, não foi a sua desesperação, é porque, com ser homem dotado de coração bondoso, logo se deixou acalmar pelo silêncio respeitoso com que lhe ouviu Lopes as exprobações.

No dia 19, dissipou-se, afinal, para Lopes, qualquer dúvida que ainda lhe pudesse restar sôbre o caminho, graças a uma elevação que se avistava ao longe. Mal deu com os olhos

nela, o velho guia não hesitou em afiançar que, com dois dias mais de marcha, estariam as nossas fôrças em sua estância.

Como era de esperar, a todos reanimou e letificou a informação de Lopes, pois ela significava a aproximação do termo de tantos sofrimentos físicos e de tantas provações morais. Não durou muito, porém, essa satisfação, porque, de repente, circulou a triste nova de que a cólera-morbo havia feito o seu aparecimento entre as fôrças expedicionárias.

No dia 20, os paraguaios tornaram a pôr fogo ao macegal ; mas Lopes, sempre diligente, meteu as nossas fôrças em um mato de pindaibas, provido de água, e, assim, salvou-as de se queimarem, embora as não salvasse dos vapores ardentes e da fumarada.

Nesse dia, mais violenta, ainda, foi a ação da cólera. De nove, foi o número de vítimas que nêle tiveram as fôrças expedicionárias. E, para mais entenebrececer o doloroso quadro dos que deixavam a vida, à noite — longa noite de trevas e de sobressaltos — os coléricos, tomados de agitação terrível, contorciam-se com câimbras, vociferavam, gemiam, rolavam uns sôbre os outros, sem que nada, entretanto, pudessem fazer os médicos para lhes mitigar os padecimentos, pois já não tinham recursos de qualquer espécie.

Apesar de tudo, continuou-se a marcha em 21. Era um desfile fúnebre. Das carretas, pendiam pernas, braços e até cabeças de pobres vítimas do terrível mal. Para maior desgraça, ainda, daquela procissão impressionante de heróis e mártires, assim que, com o calor do sol, a macega perdeu o orvalho que colhera à noite, os paraguaios lhe puseram fogo.

Ao atingirem as fôrças expedicionárias a uma chapada extensa, avistaram, à distância, o morro da Margarida. Foi uma satisfação geral. Lopes, muito especialmente, rejuvenesceu de júbilo. Era, para êle, a certeza de que continuavam no bom caminho, e de que se aproximava cada vez mais, com o fim daquela caminhada tétrica, o termo da sua patriótica missão.

Esta, porém, não podia acabar sem novo incêndio, ateado pelos paraguaios. E foi o que aconteceu. Ali estava êle. Por

felicidade, ali, também, estava, atento, Lopes. Quando êste o viu levantar-se crepitante e ardente, varou correndo, para lhe dar combate, por entre cavaleiros inimigos, que se achavam esparsos por aquêles campos, e, mais esta vez, da luta contra o fogo, a vitória foi integralmente sua.

Essa passagem do velho guia através de adversários reconhecidamente sagazes e audaciosos, foi grande temeridade. Mas Lopes estava por tudo. Quando lhe advertiam de que se devia poupar, respondia que de nada valia isso, pois ninguém podia contrariar os desígnios da Providência. Dizia êle que as fôrças expedicionárias se estavam aproximando do fim de suas terríveis provações, e acrescentava: "Saibamos morrer; os sobreviventes dirão o que fizemos".

Do dia 22 até ao dia 24 de maio, a marcha continuou com o mesmo aspecto de verdadeira procissão da morte.

No dia 24, como já estivesse aberta, até à margem do Prata, a picada de que se incumbira o bravo riograndense capitão Pisaflores, por ela atravessou Lopes, e foi ter a sua propriedade, aquela estância amada, da qual sempre falava demoradamente, com um misto de saudade e de entusiasmo.

No dia seguinte, as nossas fôrças atravessaram o Prata. O pior é que o número de coléricos se multiplicava assustadoramente. Já se não achava como os conduzir. Por isso mesmo, forçoso foi abandonar os cento e trinta que, então, havia. Que fêz o comandante das fôrças expedicionárias? Mandou abrir na mata uma clareira extensa, ordenou que para ela se transportassem, na noite de 25 para 26, aquêles cento e trinta mártires, e lá os deixou, com a alma amargurada, sob a proteção platônica dêste cartaz, escrito em letras grandes, e que ficou pregado no tronco de uma daquelas árvores, testemunhas silenciosas de tantos gemidos, de tantas lágrimas e de tantas imprecações: "Compaixão para os coléricos!"

No momento, exatamente, em que, com o raiar do dia, acabavam de abandonar na mata aquelas pobres vítimas de um destino injusto, apareceu Lopes, que, desde a véspera, tinha regressado de sua propriedade. Trazia a desoladora

nova da morte de seu filho, pela cólera. Tremia-lhe a voz, mas estava aparentemente calmo. “Meu filho morreu”, disse êle ao coronel, segundo o testemunho do visconde de Taunay, “e desejo sepultá-lo em terra minha. É um pequeno favor que, por êle, e por mim, solicito ; a sua vida, como a minha, pertencia à expedição. Deus, que tudo determina, salvou-o muitas vêzes das mãos dos homens, para levá-lo hoje”. Conduziram-no, então, em um reparo de peça, e, ao atingirem a margem direita de volumoso ribeirão, que corria pelas terras do velho Lopes, aí o sepultaram. Enquanto se abria a sepultura, Lopes conservou-se à distância, silenciosamente, sob o pêso de sua grande dôr. Só quando lhe comunicaram que o solo estava úmido, e até encharcado, é que êle descerrou os lábios, para dizer, com a resignação de um santo : “Agora, que importa ? Entreguem à terra o que lhe pertence”. Depois, continuou, com a coluna, pela sua estância a dentro.

O novo ponto de estacionamento de nossas fôrças já estava determinado : era o meio da mangueira do nosso guia.

Estava por se findar a missão do velho Lopes. Combalido, arcado para a frente, com a cabeça sôbre o arção da sela, seguia êle, sem proferir palavra. Súbito, saltaram-lhe os estribos, e êle caiu, pesadamente, ao solo. Acabava de o assaltar, impiedosamente, a cólera.

Colocaram-no sôbre um reparo, e, como êle, uma vez aí, se reanimasse um pouco, continuou a dirigir a marcha. Assim é que, mal percebeu a tentativa de seu genro Gabriel para atravessar um capão, com o fim de atalhar caminho, recomendou, embora com voz sumida : “Contornem o mato, que é muito sujo”.

Ao cair da noite, alcançaram as nossas fôrças o local do antigo rodeio de gado da estância do velho Lopes, e nêle estacionaram, ficando o nosso guia, com o coronel Camisão e o tenente-coronel Juvêncio, êstes, também, coléricos, instalado num galpão em ruína.

Na manhã de 27, iam as nossas fôrças continuando a marcha, quando os paraguaios tentaram, mais uma vez, cor-

tar-lhes a retirada. Foram, porém, contidos pelo 17º de voluntários, que fazia a retaguarda.

Após meia légua de marcha, chegaram as nossas fôrças, finalmente, a uma das margens do Miranda. Na margem oposta, estava a casa do velho Lopes, aquela mesma casa sob cujo teto nunca faltou pousada, e pousada régia, para os que algum dia lhe bateram à porta. Desgraçadamente, em ali chegando, entregou Lopes a sua alma generosa a Deus.

Sepultaram-no, então, no meio do acampamento, em terra que êle havia regado com o suor de seu trabalho honesto, e, sôbre a sepultura, colocaram os seus bravos e leais amigos, piedosamente, uma cruz, que fizeram de madeira tósca.

Era a única homenagem que lhe podiam prestar naquele momento. Outras, não lhe podiam ser prestadas senão depois. E, realmente, o foram. Hoje, êle tem o nome sobalçado pela nossa história, e a figura perpetuada no bronze do monumento que se levanta, solene, na capital da República, sob as bênçãos desta doce Pátria, a que tanto serviu, e pela qual morreu, entre os soluços dos que foram testemunhas de sua *Constância* e de seu *Valor*.



S. G. M. G.
IMPRESA MILITAR
RIO DE JANEIRO — 1952

- Projeto: Valorizando a História Militar e do Brasil.
- Categoria: Estante de Ouro
- Classificação: Obra rara

- Digitalizado por Edmilson L Souza
- Abril/2012

